

3 DE JANEIRO
SEASIDE, OREGON
(NOITE)

Querida...,

Estou aqui na casa de praia do meu tio Tommy. São quase nove da noite. Estou aqui em cima, sozinho, tenho a minha caneta, o meu caderno de argolas...

Não sei como começar. Nem sequer sei se consigo fazer isto. Mas vou tentar. Pior não fica...

Lá fora chove e está escuro. Ouço a rebentação das ondas, ao longe, como bombas a explodir.

Tudo bem. Fui agora mesmo lá abaixo e fiz um chocolate quente. «Meu, tem calma e escreve alguma coisa.» Isto sou eu a falar sozinho. Tenho de começar pelo princípio, ir com calma, devagar...

Paranoid Park. Foi aí que tudo começou. Paranoid Park é um parque de *skate* na Baixa de Portland. Fica debaixo da Ponte de Eastside, perto dos armazéns velhos. É um parque *underground*, de rua, o que quer dizer que não há regras; aquilo não é de ninguém e não tem de se pagar para andar lá de *skate*. Dizem que uns gajos *old school* o construíram há uns anos e, sabe-se lá como, tem sobrevivido este tempo todo.

Muitos dos melhores *skaters* vão para lá, vindos da Califórnia, da Costa Leste, de todo o lado. Também é assim uma espécie de lugar de encontro para putos de rua. Há uma série de histórias, como a daquele *skinhead* que lá foi esfaqueado uma vez. Por isso é que lhe chamam Paranoid Park. Tem aquele ar perigoso e meio inacabado.

O meu primeiro contacto com o Paranoid Park deu-se através do Jared Fitch. Ele é finalista na minha escola. É muito doido, mas porreiro, apesar de tudo, e é um dos melhores *skaters* lá da escola. Faz coisas como andar de *skate* agarrado à parte de trás de uma carrinha de entregas a setenta quilómetros/hora, enquanto alguém o filma.

Foi assim que nos tornámos amigos. Eu estava a ficar melhor com o *skate* e ele ia-me mostrando umas coisas. Ele tinha vídeos de cenas que tinha feito e também tinha outros

vídeos de *skate* — coisas que não se encontravam no centro comercial do bairro. Ele sabia mesmo o que estava a dar e, por isso, ficámos amigos.

No Verão passado, andávamos todos os dias de *skate*. Íamos para a Baixa, para vários sítios, tipo um parque de estacionamento que parecia destinado a que toda a gente se escapulisse para lá para se divertir. Foi nessa altura que nos tornámos mesmo amigos. E para outros lugares também, como as famosas «Escadas Suicidas», perto do rio, para onde toda a gente costumava ir. Sítios desses.

Como disse, eu ainda não estava ao nível do Jared, mas estava a aprender. E ele gostava que eu fosse novo e ávido. Gostava de ser o professor e de me mostrar coisas.

Seja como for, um dia, na última semana do Verão, estávamos na Baixa e o Jared disse que devíamos experimentar ir ao Paranoid Park. A princípio, não disse nada. Já tinha ouvido falar, claro, mas nunca me passara pela cabeça lá ir. Sempre pensei que era de mais para mim. Mas quando disse que me parecia que não estava pronto, o Jared riu-se e disse qualquer coisa como «Nunca ninguém está *pronto* para o Paranoid Park.»

E então fomos. Claro que eu estava nervoso, mas também estava um bocado excitado. Fazer *skate* no Paranoid. Era um feito. Era um motivo de orgulho, uma coisa que se podia contar aos outros.

Atravessámos a Ponte de Eastside e demos a volta por baixo. Estacionámos ao pé de um antigo edifício de tijolo.

Lembro-me de ver carris de comboio no chão. Eram brilhantes, como se ainda estivessem em uso. E, afinal, até estavam.

O parque em si ficava lá em cima, encaixado precisamente debaixo da ponte. Por cima de nós, ouvia-se o barulho dos carros e dos camiões. A área à volta era, sobretudo, de edifícios industriais — antigos armazéns e parques de estacionamento, cercas caídas e coisas assim. Mais abaixo, na estrada, havia um edifício de escritórios em funcionamento, portanto, de vez em quando, passavam algumas secretárias. Pareciam um bocado assustadas com os miúdos que por ali havia.

Levámos os *skates* pela rampa de terra acima e metemos por um buraco nas grades da vedação. Rastejámos até à plataforma e demos por nós a apreciar o espaço todo em redor. Na verdade, era mais pequeno do que eu imaginara e estava um bocado para o estragado. Havia latas de cerveja a toda a volta e lixo e *graffiti* tipo *cholo*¹. Mas havia ali qualquer coisa, uma espécie de aura.

Não havia muita gente — estavam dois tipos a andar de *skate* e uma dúzia, ou mais, estavam junto ao muro à nossa direita. Vimos um gajo magro, mais velho que nós, no recinto à nossa frente, a sacar um *lip-grind*². Tinha calças castanhas, cortadas abaixo dos joelhos, meias pretas e umas *Vans* pretas e rasgadas. Tinha duas enormes tatuagens nos braços e uma grande cicatriz na barriga. O *skate* dele era mesmo esquisito e velho, todo rebentado, mas ele arrasava. Era espectacular.

Os outros tipos também eram assim. Não só todos eles sabiam andar de *skate*, como cada um tinha o seu próprio estilo. Já tinha visto *skaters hard-core*, aqui e ali, pela Bai-

xa, mas nunca tantos num mesmo sítio. Apercebi-me de que este era o lugar *deles*. O centro do verdadeiro universo do *skate*. Ou, pelo menos, assim me parecia.

O Jared entrou no recinto à nossa frente a nós e percorreu-o de *skate*. Fiquei nervoso, enquanto o via. Como já disse ele era um dos melhores *skaters* que eu conhecia, mas isso não era nada, comparado com aqueles tipos. Entrei também e dei umas voltas. Consegui não fazer figura de urso. Mas foi uma maravilha sentir toda aquela adrenalina. Era uma coisa em grande, estar no Paranoid.

Esta era a última semana das férias de Verão. Foi também nesta semana que a Jennifer Hasselbach me telefonou pela primeira vez. Era a rapariga com quem eu tinha começado a andar no princípio do Verão. Tinha sido monitora de acampamento durante todo o mês de Julho e Agosto, por isso, não nos tínhamos visto. Mas agora estava de volta e queria mesmo estar comigo. Telefonou-me três vezes nessa semana.

Eu não estava muito para aí virado. Quer dizer, ela era gira e tudo, mas, quando lhe tentei falar do Paranoid Park, não percebeu nada. Começou logo: «Para que é que queres ir para um sítio todo porco, se podes ir para Skate City? Skate City era para onde os betinhos da zona iam andar de *skate*. Era um parque foleiro, coberto, que ficava por trás do centro comercial. Se ela não conseguia perceber a diferença, para que é que me ia incomodar?
